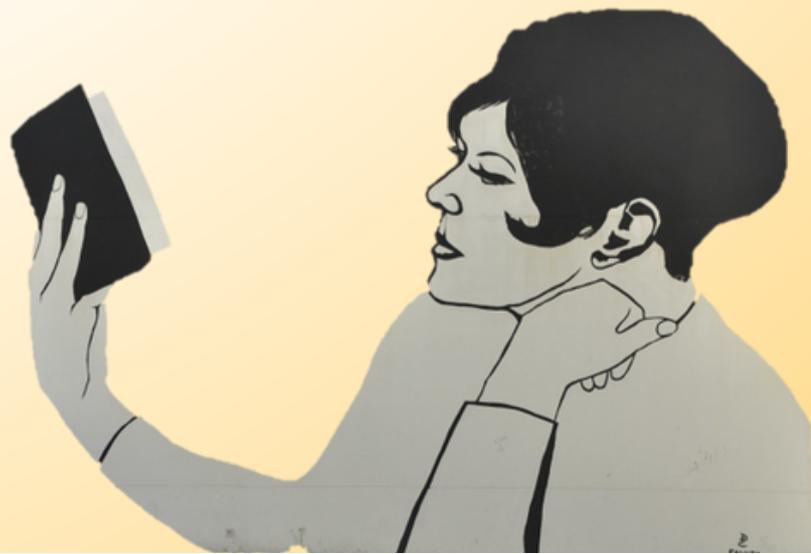


## “Homossexualidade, mito e *Magna Mater*”: uma leitura comentada

(Alexander Altevoigt, Georg-August-Universität Göttingen)

Em 1982, Natália Correia participa num ciclo de conferências dedicado ao tema da homossexualidade em Portugal. O evento, primeiro deste tipo no país, foca o assunto a partir de perspetivas diferentes: sociologia, medicina, biologia, psicanálise etc. A contribuição de Natália Correia, publicada depois no *Jornal de Letras*, apresenta abordagens tanto mitológicas como antropológicas, psicológicas e etnológicas. A escritora defende a orientação homossexual como algo perfeitamente natural e relaciona-a à *Magna Mater*, tão presente na sua obra. Nesta comunicação, pretendo oferecer uma leitura comentada do pequeno ensaio "Homossexualidade, mito e *Magna Mater*" (1982) para analisar a argumentação de Correia e a contextualização da homossexualidade no Portugal pós-1974. Assim, mostram-se aspetos ainda atuais hoje em dia, mas também avaliações que, em 2023, consideraríamos mais problemáticas. De qualquer modo, o texto é um documento elucidativo do estado do discurso sobre o tema em Portugal daquela época.

Formação universitária em Estudos Românicos (Francês, Português e Espanhol) em Mainz, Montpellier, Göttingen e Lisboa. Atualmente é doutorando e docente em Estudos Literários Ibero-Românicos na Universidade de Göttingen e trabalha sobre literatura *queer*, estudos de género, literaturas africanas de língua portuguesa e literatura e cultura medievais. Tem publicações sobre alteridades nas cantigas de escárnio e maldizer, sobre textos de Alda Espírito Santo, Conceição Lima e Olinda Beja assim como sobre narrativa portuguesa no século XX.



**Natália Correia, 100 anos**

## Estranhos amores - *A donzela que vai à guerra*

(Golgona Anghel, Universidade Nova de Lisboa)

De datação incerta, a peça de teatro, em verso, *A Donzela que Vai à Guerra*, de Natália Correia, recupera um tema prolífico da tradição do romance ibérico que enaltece a coragem e a astúcia da piedade feminina. Os mais antigos testemunhos da popularidade do tópico da donzela que vai batalhar trajada de varão remontam às comédias do escritor quinhentista Jorge Ferreira de Vasconcelos. Os mais recentes passam por um exercício de apropriação pelos estudos de género dessas figuras de bravura e de metamorfose, as “donzelas-guerreiras”. Partindo de um documento ainda inédito, a peça dactiloescrita de Natália Correia, procuramos compreender qual é a configuração que a actualização da lenda adquire nesse texto? De que maneira uma história de almas pode confundir-se com a história das nações? Mais dita do que maldita, onde é que pára a suspeita de incesto? Pode a fidelidade corresponder a uma estratégia para atingir a plenitude?

Golgona Anghel é Professora Auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e Investigadora no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da mesma faculdade. Publicou alguns ensaios — *Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al Berto* (Quasi Edições, 2006), *Cronos decide morrer, viva Aiôn, Leituras do tempo em Al Berto* (Língua Morta, 2013), *A forma custa caro. Exercícios inconformados* (Documenta, 2018) — e preparou uma edição diplomática dos *Diários* do poeta Al Berto (Assírio & Alvim, 2012).



## O Sebastianismo em *O Encoberto* – entre a realidade e a ficção

(Winston Martins, Georg-August-Universität Göttingen)

Em "O Encoberto", Natália Correia tematiza uma das mais importantes figuras históricas portuguesas: D. Sebastião, monarca desaparecido em 1578 na Batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos. Ainda que sua morte tenha sido presumida, o rei permaneceu vivo por muito tempo nas mentes de muitos portugueses, os quais acreditavam em seu messiânico e triunfante regresso, a fim de pôr termo ao domínio espanhol e alçar Portugal à glória de outrora. Não apenas isso: até hoje, D. Sebastião faz parte do imaginário português, muito em função do mito construído em torno da sua pessoa e de seu "misterioso" desaparecimento. Por meio dessa tragicomédia, que se constitui a partir de uma amálgama de elementos verídicos, de paráfrases e paródias da realidade e de invenções da própria autora, Natália Correia elabora uma série de críticas que não apenas se adequam ao Portugal do final da década de 1960, mas continuam pertinentes até hoje. Nesta apresentação, buscar-se-á explicar os acontecimentos históricos que levaram à crença sebastianista e serviram de base para a obra da escritora, além de como tais elementos contribuem para as críticas por ela tecidas.

Winston Martins, nascido em Uberlândia, Brasil, é bacharel em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil) e mestre e doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). Tem também experiência na área de ensino de inglês e alemão como línguas estrangeiras, bem como em tradução (alemão-inglês-português). Atualmente, cursa o último semestre do bacharelado em Lusitanística e Germanística na Georg-August-Universität Göttingen e atua como trabalhador estudante na área de Marketing Digital e Gestão de Projetos na antwerpes healthy media GmbH e professor de português como língua estrangeira na Volkshochschule Göttingen Osterode.



## Um poeta na pólis: configurações políticas do sagrado no pensamento de Natália Correia e suas reverberações poéticas

(Gonçalo Cordeiro, Université Paris Nanterre)

Esta comunicação partirá de um ensaio de Natália Correia sobre «o sagrado e a política», que retoma uma certa tradição da representação do poder divino e da sua relação com a figura do poeta. A nossa proposta passa por situar alguma da sua poesia no quadro dessa mesma tradição, fundamentalmente a partir de três livros: *O Anjo do ocidente à entrada do ferro* (1973), *Epístola aos Iamitas* (1976) e *O Dilúvio e a pomba* (1979).

Gonçalo Cordeiro é professor na Universidade de Paris Nanterre, onde é membro do CRILUS. O seu doutoramento em Literatura Comparada, concluído na Universidade de Lisboa, dedicou-se ao discurso religioso na poesia portuguesa do século XX. Os seus interesses de investigação incluem as metamorfoses da memória clássica e bíblica, os intercâmbios leste-oeste na crítica comparada e a escrita pós-colonial nas literaturas de língua portuguesa.

Publicações: *O Poeta Teólogo. Revisitações literárias do imaginário bíblico na poesia portuguesa do século XX*, Peter Lang, 2021.

Coautor do livro *Macau Novas Leituras*, Lisboa, 2020.

Coordenador do número da revista *Langues Neo-latines* sobre "Lire l'Asie en langue portugaise: regards contemporains", setembro de 2023.



**Natália Correia, 100 anos**

## Natália Correia, leitora de poesia medieval

(Maria Ana Ramos, Universität Zürich)

Numerosas são as vozes femininas na poesia portuguesa dos sécs. XX e XXI que encontraram na poesia medieval galego-portuguesa substratos para a emergência de novos processos de (re)construção poética. Versos como os de Matilde Rosa Araújo (1921-2010), Fernanda Botelho (1926-2007), Teresa Horta (1937-), Fiamma Hasse Paes Brandão (1938-2007), Deana Barroqueiro (1945-), Ana Luísa Amaral (1956-2022), Adília Lopes (1960-), ou Catarina Nunes de Almeida (1982-) bem ilustrariam este modo de ler e reler a poesia trovadoresca (séc. XII-XIV). Em ano de centenário, é, no entanto, a *palavra* de Natália Correia (1923-1993) que se impõe, tanto nas suas formas de perscrutar aquela poesia, como nas *ousadias* da apropriação de textos alheios.

Essa filiação levá-la-á à publicação de antologias de poesia medieval (*Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica. Dos Cancioneiros Medievais à actualidade*, [1965]; *Trobas de D. Dinis*, 1970; *Cantares dos trovadores galego-portugueses*, 1970. A convivência com aquela produção poética estimula-a à escrita do ciclo – *Cantigas de amigo* –, selecionado para conclusão da sua *Poesia Completa* (1999), que, talvez mais não seja do que uma forma de assumir a sua linhagem literária («pela linha da poesia / sou neta de D. Dinis» [1955]). Além de exemplificação sumária com as suas próprias *cantigas* entre intertextualidade e palimpsestos, procurarei evidenciar sobretudo as suas opções poéticas (*florilégios?*) sob o comprometimento de quem antologiza.

Professora Titular Emérita na Universidade de Zurique (Romanisches Seminar), foi responsável pelo ensino do Português (Língua, Linguística, Literatura e Filologia) e diretora da Cátedra Carlos de Oliveira (Camões IP) na Universidade de Zurique (-2019). Maria Ana Ramos formou-se na Universidade Clássica de Lisboa na Faculdade de Letras (Licenciatura e Doutoramento), onde ensinou principalmente História da Língua Portuguesa durante vários anos. Após uma especialização em Filologia Românica na Universidade de Roma, na La Sapienza (três anos), trabalhou no Romanisches Seminar na Universidade de Zurique, onde ensinou Língua, Linguística, Literatura e Filologia portuguesas desde 1986 e onde obteve também a Habilitação (Agregação) em Filologia Românica (focalizada na Filologia do Português) e a direção da Cátedra Carlos de Oliveira (Camões IP). Os grandes domínios da sua investigação concentram-se na história da lírica galego-portuguesa, nas variações textuais da sua produção, nos processos de transmissão e na recepção medieval e quatrocentista de coleções poéticas coletivas, em particular no que se relaciona com o Cancioneiro de Ajuda. Para além deste domínio essencial interessou-se ainda por vários outros da literatura medieval, entre os quais, as formas narrativas breves, e os aspetos linguísticos do teatro de Gil Vicente.



## As 'Cantigas de amigo' de Natália Correia como fecho da sua Poesia

(José Manuel Esteves, Université Paris Nanterre)

A poesia portuguesa é, mais ou menos explicitamente, segundo os autores e as épocas, atravessada por ecos da vertente peninsular da poesia lírica medieval – as cantigas de amigo- através de um longo processo de transmissão e transformação desta forma poética. No século XX algumas vozes femininas, como Natália Correia, Fiamma Hasse Pais Brandão, Maria Teresa Horta, entre outras, apropriam-se dos temas, motivos e aspetos formais destas composições, através da prática consciente de um jogo intertextual, fazendo do silêncio, da solidão e da suspensão do tempo, próprios da essência do lírico, uma forma de desnudamento do poder castrador. A lei do silenciamento é assim recusada e a voz, questionadora e inquietante, torna-se corpórea, ao subverter o papel do eu fictício feminino medieval, assumidamente substituído por vozes femininas, que se inscrevem agora na História como voz pública. Centramo-nos nesta comunicação nos “Cantares de amigo” de Natália Correia, que encerram a sua Poesia completa *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias I e II* (1993), para “reflorir a sagrada matriz do nosso lirismo” a partir da metamorfose resultante da dialética velho/novo que parece irradiar para toda a obra poética da autora.

Responsável pela Cátedra Lindley Cintra do Camões- I. P., desde 2002, na Université Paris Nanterre onde integra o grupo de investigação CRILUS (UR Etudes Romanes) e do qual é diretor adjunto. Formação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É membro da Associação Portuguesa dos Críticos Literários, do Conselho Editorial das Revistas *Colóquio Letras*, *Convergência Lusíada* (Brasil), *Cahiers du Crepal* (Paris) e tem publicações nos domínios da (didática das línguas, das políticas linguísticas e culturais e da literatura portuguesa moderna e contemporânea, entre outras: *Escritoras portuguesas no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo*, (com Isabel de Jesus, Teresa Almeida), Bruxelles, 2023; *Maria Judite de Carvalho: une écriture en liberté surveillée*, (com Maria Graciete Besse e Adelaide Cristóvão), Paris, 2012; *La Littérature Portugaise contemporaine*, Paris, 2008.



## Natália Correia perante o 25 de Abril

(Tobias Brandenberger, Georg-August-Universität Göttingen)

Natália Correia foi desde o início da sua carreira literária uma autora particularmente comprometida no domínio político e social, com uma *engagement* constante e destemido, embora este não se manifestasse do mesmo modo nas diferentes fases da sua atividade nem nos diversos géneros por ela praticados.

Logicamente, um acontecimento como a Revolução de 25 de Abril não poderia ficar sem comentários por parte de quem até então tinha empunhado uma pena audaz, e lutado contra a repressão do regime ditatorial. Ilustraremos na nossa contribuição como a autora participa e intervém nos complexos processos socio-políticos que se operam nos primeiros anos da recuperada democracia, através de uma variada produção textual: diário, crónicas, poesia e ficção narrativa.

Tobias Brandenberger é professor catedrático de Filologia Românica da Universidade de Göttingen, onde é o responsável da secção de literaturas ibero-românicas e director da nova *Cátedra José de Almada Negreiros*, instituída pelo Camões I.P.

Doutorou-se em Filologia Ibero-Românica pela Universidade de Basileia (Suíça), onde ensinou literatura portuguesa e literatura espanhola durante vários anos e onde também obteve a *habilitação*. As suas áreas de investigação principais são os *gender studies* literários, as relações culturais intra-ibéricas e as suas imagologias, e a intermedialidade (música e literatura), tendo focado com preferência as literaturas portuguesa e espanhola da Idade Média e da primeira Idade Moderna, assim como as literaturas ibéricas e ibero-americanas de fins do século XIX e começos do XX.

